

Um importante campo suburbano: o estádio do Riachuelo F. C. (1906-1909)

An important suburban field: the Riachuelo F. C stadium (1906-1909)

Glauco José Costa Souza

Instituto Federal de Rondônia, Jaru/RO, Brasil
Doutorado em História Social, UFF
glauco.josecosta@hotmail.com

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo analisar a constituição de um espaço futebolístico nos subúrbios do Rio de Janeiro, mais especificamente na região do Riachuelo, na primeira metade do século XX, período em que o clube homônimo ao bairro participou de campeonatos de futebol importantes e providenciou a construção de seu campo. Para tanto, realizaremos nossa análise sobre alguns periódicos da época que davam espaços em suas páginas para os esportes suburbanos, tendo em comum também o fato de serem jornais de grande projeção e/ou abordarem especificamente as regiões que ladeavam o centro do Rio de Janeiro. Desse modo, esperamos contribuir com a ampliação dos estudos sobre as práticas esportivas para além dos grandes centros urbanos.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol; Subúrbios; Rio de Janeiro.

ABSTRACT: This article aims to analyze the formation of a football space in the suburbs of Rio de Janeiro, more specifically in the Riachuelo region, in the first half of the 20th century, a period in which the neighborhood's homonymous club participated in important football championships and provided building your field. To do so, we will carry out our analysis on some periodicals of the time that gave spaces in their pages to suburban sports, also having in common the fact that they were newspapers of great projection and/or specifically addressed the regions that bordered the center of Rio de Janeiro. In this way, we hope to contribute to the expansion of studies on sports practices beyond large urban centers.

KEYWORDS: Football; Suburbs; Rio de Janeiro.

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento do futebol no Rio de Janeiro a partir do século XX foi permeado por disputas materiais e imateriais, as quais passaram desde discursos sobre quem poderia praticá-lo, até pela caracterização de instrumentos considerados essenciais para a execução de tal prática. Em meio a este cenário, tivemos a construção de campos de jogos, os quais foram aspectos destacados como necessários para as disputas de futebol. Possuir uma praça de esportes de qualidade era um elemento diferencial tanto pelo lado simbólico, como pelo lado prático do desenvolvimento futebolístico.

Nesse sentido, optamos no presente trabalho por abordar a construção do campo do Riachuelo A.C., em 1909, período em que o clube de mesmo nome se viu envolvido nas disputadas do Campeonato Carioca, de 1906, e da Liga Suburbana, em 1907. Ambas as competições, apesar da proximidade cronológica a respeito de sua criação e até da influência exercida pela primeira competição sobre a segunda, apresentavam características bastante distintas no que tange ao discurso e à prática do futebol, ainda que existam algumas semelhanças.

A opção por estabelecer um recorte temporal pequeno (1906 a 1909) se deve aos fatos que relacionam a participação do Riachuelo na primeira edição do que viria a ser o Campeonato Carioca, em 1906, na segunda divisão, sua saída problemática do torneio e adesão, no ano seguinte, à Liga Suburbana de Futebol e, surpreendentemente, seu abandono das competições futebolísticas contra outras equipes a fim de privilegiar os embates entre times formados por seus sócios. Foi nessa conjuntura que a instituição optou por construir uma praça de esportes própria.

Para tanto, faremos uso de notícias divulgadas em periódicos da época, como o *Correio da Manhã* e o *Gazeta de Notícias*, os quais, apesar da grande cobertura que faziam a respeito de notícias de vários assuntos no Rio de Janeiro e fora dele, também davam espaços para as informações esportivas. Embora seus focos não fossem os cotidianos suburbanos, havia notas que envolviam o dia a dia dos subúrbios cariocas, como fazia o *Jornal do Brasil*, outra fonte relevante em nosso recorte. Não obstante, a fim de preencher lacunas eventualmente deixadas pela imprensa mais centralizada no que ocorria em clubes como o Fluminense Football Club, recorreremos aos noticiários especificamente centrados nas regiões suburbanas, como

o *Progresso Suburbano* e o *Subúrbio*, de modo a ter mais dados para compreendermos a dinâmica de disputas envolvendo o Riachuelo, enquanto clube esportivo, bem como o bairro de igual denominação no qual estava situado e onde construiu seu campo de jogo, em 1909.

Dessa forma, acreditamos somar aos estudos esportivos sobre a História dos Esportes ao trazer aspectos que remetem ao elevado grau de organização das equipes suburbanas já na primeira década do século XX, bem como refletir acerca das formas de apropriação que estas instituições fizeram de aspectos muitas vezes relacionados apenas aos clubes instalados mais próximos à região centro-sul do Rio de Janeiro. Nosso objetivo é mostrar o quão complexas foram as dinâmicas do desenvolvimento futebolístico na Capital Federal, a fim de contribuir para a valorização de entidades e sujeitos muitas vezes colocados à margem ou apenas tendo destaques se relacionados com os agentes tradicionais da historiografia.

O FUTEBOL NOS SUBÚRBIOS CARIOCAS

O futebol chegou ao Rio de Janeiro na transição do século XIX para o XX como um dos diversos instrumentos modernos que foram importados da Europa e, inicialmente, havia sido direcionado para a parte da sociedade que se identificava com o continente europeu: homens brancos e letrados que podiam se dedicar aos esportes devido a sua paixão por tais atividades. Não obstante, ele rapidamente se tornou um objeto de disputa entre as classes sociais, já que foi apropriado por diversos indivíduos, diferente do que aconteceu com outras práticas esportivas.

Por ter características diversas de outros esportes da época, como o remo e o turfe, o futebol se inseriu mais facilmente nos hábitos das camadas médias e pobres, parcela considerável na composição socioeconômica da população que ocupava os subúrbios cariocas. Comparando o futebol com outras modalidades esportivas é possível perceber que “sua principal diferencial era a possibilidade cotidiana de sua prática. O futebol proporcionava ao torcedor a reprodução do jogo em qualquer espaço e momento”.¹

¹ COELHO. Futebol e produção cultural no Brasil: a construção de um espaço popular, 2006, p. 239.

Um dos motivos que nos ajudam a compreender a difusão do futebol nos subúrbios cariocas está ligado à questão econômica. Um estafeta ou um empregado do Jardim Botânico tinha condição de adquirir uma bola de futebol, já que se estima que este instrumento estivesse custando em torno de “cinco, seis mil réis cada uma”.² E, mesmo quando não fosse possível ter uma, dava-se para jogar “a tal porqueira com tudo quanto apanham que é redondo”,³ inclusive as frutas como laranjas ficavam sujeitas aos chutes de pés nervosos em praticar o esporte inglês – o que reforça o caráter substituível dos instrumentos necessários para jogar futebol. Enquanto o salário de um estafeta ou de um empregado do Jardim Botânico estava na casa dos 60 e 75 mil réis, respectivamente, a aquisição de uma bola, utensílio de média ou longa duração de uso, ocupava apenas uma única vez entre 6% e 8% do orçamento desses trabalhadores.⁴

Não obstante, a questão financeira não foi a única que permitiu ao futebol se inserir mais facilmente fora do grupo dos mais abastados. Ao longo do desenvolvimento de práticas esportivas que incidiu sobre a Capital Federal no início do século XX, não faltaram opções do gênero para quem estivesse disposto a praticá-las. O futebol, por sua vez, não exigia um local específico para ser jogado, ao contrário do remo, que precisava inegavelmente de espaços aquáticos. Dessa forma, não foram poucos os jogos que ocorreram nas ruas ou em terrenos baldios, como relatou Syneisio Passos ao *Gil Blas* sobre uma das impressões do seu cotidiano: “Em frente a minha casa há um pequeno espaço de terreno sem construção e mais ou menos plano, ao qual crianças deram o destino que tem hoje, nos perímetros urbanos, qualquer terreno assim baldio – é campo de foot-ball”.⁵ E assim chegou aos subúrbios do Rio de Janeiro, superando barreiras econômicas, sociais, geográficas e culturais, mas sem que isso possa ser associado a uma democratização no que tange a sua prática, pois tal situação seguiu sendo objeto de disputa entre os agentes sociais envolvidos.

O conceito do que vem a ser subúrbios é importante para nos ajudar a delimitar o objeto com o qual estamos trabalhando. Do ponto de vista geográfico, refe-

² *Jornal do Brasil*, 09/08/1905, p. 2.

³ *Jornal do Brasil*, 09/08/1905, p. 2.

⁴ SOUZA. “O football nós podemos jogar”: uma análise sobre o desenvolvimento do futebol fora dos clubes de elite do Rio de Janeiro, p. 54.

⁵ *Gil-Blas*, 02/09/1920, p. 11.

re-se às áreas que circundam as regiões centrais dos aglomerados urbanos, tendo origem etimológica na palavra inglesa *suburb*, que significa “sub-cidade”. Esta conceituação tem origem na expansão urbana internacional, em especial o processo que se desenvolveu na Europa Ocidental e nos Estados Unidos

Os subúrbios podem ser definidos como “a área do entorno metropolitano no qual a classe trabalhadora proletarizada foi se estabelecer”,⁶ o que lhe dá uma nova concepção de espaço em que “a população ali localizada carece de infraestrutura”,⁷ segundo Giancarlo Livman Fabretti (2013). Podemos considerar, dessa forma, uma contextualização do conceito de subúrbios para além do aspecto geofísico, haja vista ser ele um objeto que passa a ganhar sentidos variados pelas transformações que homens e mulheres fazem no território. Além disso, ele tem como característica na construção da sua palavra ser algo menor do que a cidade.

Assim, cria-se uma identidade, já na construção do próprio termo, na qual os subúrbios nascem em posição distanciada no que tange ao sentido em relação à cidade. Esta, por sua vez, pode ser compreendida como um complexo de modernidade e de desenvolvimento, características que não são vistas em que está abaixo dela. Na cidade há modernidade e desenvolvimento, nos subúrbios isso pode até acontecer, mas de forma pouco semelhante ao que acontece nas regiões centrais a fim de caracterizar as separações entre ambos. Para Mumford, a separação entre os subúrbios e a cidade só se concretizou no século XX, com a “propagação do ideal democrático valendo-se da multiplicação e da produção em massa”⁸ e produzindo uma “comunidade segregada, apartada da cidade não só pelo espaço, mas pela estratificação de classes”.⁹

A ideia de “segregação” produz uma concepção de separação de grupos pelos mais variados motivos, como questões étnicas, etárias ou culturais, mas Naciff e Kneib identificam como causa principal para isso a divisão social e a luta de classes. Para as autoras, esse “é um processo imposto pelo capitalismo que revela as

⁶ FABRETTI. *A metropolização vista do subúrbio: metamorfoses do trabalho e da propriedade privada na trajetória de São Caetano do Sul*, p. 9.

⁷ SOTO. *Subúrbio, periferia e vida cotidiana*, p. 110.

⁸ MUMFORD. *A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas*, p. 525.

⁹ MUMFORD. *A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas*, p. 533.

contradições econômicas e sociais da sociedade econômica”,¹⁰ podendo ser de dois tipos: voluntário ou involuntário.

Saboya (2009, p.1) aponta que a primeira “refere-se àquela em que o indivíduo ou uma classe de indivíduos busca, por iniciativa própria, localizar-se próximo a outras pessoas de sua classe”- como são os casos dos subúrbios norte-americanos e dos condomínios fechados [na atualidade]. Por outro lado, a segregação involuntária “é aquela em que as pessoas são segregadas contra a sua vontade, por falta de opção” – referência evidente às periferias brasileiras.¹¹

No Brasil, os subúrbios se formaram no final do século XIX de forma voluntária e, principalmente, involuntária, sobretudo no Rio de Janeiro. Fatores econômicos e políticos foram determinantes para isso. A região central do Rio de Janeiro passou na transição do século XIX para o XX por diversas reformas, de modo que o espaço físico se tornou mais valioso, mas, para isso, foi necessário deslocar pessoas, destruir moradias e promover uma verdadeira transformação no que era o Centro do Rio de Janeiro. À medida que o preço do terreno foi aumentando e o número dos cortiços diminuindo, muitos moradores não tiveram como se manter nas suas habitações, o que intensificou a ocupação dos morros do entorno e, principalmente, das regiões planas que ladeavam o espaço central carioca. Assim, áreas rurais do que hoje chamamos de Zona Norte, Zona Oeste e Baixada Fluminense se transformaram em um grande polo de atração para pessoas que não conseguiriam mais viver perto da Central do Brasil, mas que com ela precisavam ter contato por razões muitas vezes profissionais.

Segundo Benchimol, a base de referência para este processo fica evidente quando se percebe que o Barão de Haussmann “rasgou o centro de Paris, um conjunto monumental de largos e extensos bulevares em perspectiva, com fachadas uniformes de ambos os lados, reduzindo a pó os populosos quarteirões populares e o emaranhado de ruas estreitas e tortuosas”.¹² Estas foram as mesmas características que Francisco Pereira Passos, que conhecia e admirava a cidade parisiense, empreendeu em sua gestão como Prefeito do Distrito Federal.

¹⁰ NACIFF; KNEIB. Os subúrbios periferias nas metrópoles: um estudo sistêmico aplicado à Região Metropolitana de Goiânia, p. 5.

¹¹ NACIFF; KNEIB. Os subúrbios e periferias nas metrópoles, p. 6.

¹² BEMCHIMOL. *Pereira Passos: um Haussmann tropical*, p. 218.

Importante destacar que esta modernização apresentava sentidos diferenciados, de modo que “para os simpatizantes esta era a Regeneração, para os atingidos era o bota-abaixo”.¹³ A concepção a respeito da modernidade pode ser vista de forma plural, isto é, não existe uma única modernidade, mas sim várias modernidades. Isto é importante, pois demonstra a complexidade do espaço urbano do Rio de Janeiro na transição do século XIX para o XX, razão pela qual as ações de Pereira Passos não puderam apenas modernizar o espaço físico carioca, mas tiveram que tocar nas práticas sociais usando, na maior parte das vezes, o argumento de que tal processo se fazia necessário em razão dos melhoramentos que traria para a higiene e a circulação pública.

Para alcançar este objetivo, a construção da Avenida Central foi feita à custa da segregação de determinados frações sociais por meio da atuação estatal que se valeu de mecanismos econômicos e jurídicos de expropriação e valorização. A expropriação e a demolição de casas e estabelecimentos comerciais foram os meios que possibilitaram rasgar a cidade do Rio de Janeiro. Para muitos dos moradores o destino pós-Reforma foi ocupar os morros no entorno do centro ou as regiões suburbanas.

No que se refere a pequena burguesia comercial e industrial radicada nas áreas diretamente atingidas, tudo indica que uma grande parte foi pulverizada, restando-lhe, como alternativas, a transferência para os subúrbios ou áreas degradadas adjacentes ou a proletarização pura e simples. Entretanto, para uma parcela desses comerciantes e pequenos industriais, como Bhering ou a própria gráfica que editava a sofisticada revista *Renascença*, para aqueles enfim, que puderam permanecer no local transformado e valorizado pela ação do Estado, a abertura da avenida representou uma possibilidade de ascensão e enriquecimento (potencialização da escala de operações de acumulação para certos segmentos do capital comercial e Industrial).¹⁴

Em relação aos subúrbios do Rio de Janeiro, a construção de suas identidades ocorreu, entre outros caminhos, por meio de símbolos que reforçaram a existência de disputas na Capital Federal. A pesquisadora Elizabeth Dezouart Cardoso, por sua vez, analisa as noções pejorativas envolvendo as regiões suburbanas e considera que a maior parte desta concepção negativa veio dos veículos da imprensa de grande circulação no Rio de Janeiro, cujas sedes, em sua maioria, ficavam locali-

¹³ SILVA. Por que fazer uma Reforma Urbana: Juiz de Fora um caso peculiar, p. 5.

¹⁴ BEMCHIMOL. *Pereira Passos: um Haussmann tropical*, p. 230.

zadas nas áreas centrais da cidade, ao passo que “as publicações do Subúrbio criaram e veicularam representações tanto positivas quanto negativas sobre a área em foco, cada uma anulando a outra”.¹⁵

A imprensa, segundo Cardoso, foi determinante para a atribuição de características pejorativas para os subúrbios em um período no qual, curiosamente, bairros como Copacabana, Leblon e Ipanema, que, do ponto de vista geográfico, também poderiam ser considerados subúrbios por estarem no entorno do centro, receberam outras descrições. A pesquisadora, por sua vez, enfatiza que até a segunda década do século XX é prematuro caracterizar estes bairros como pertencentes à Zona Sul, como nos dias atuais, mas o mesmo não se aplica às áreas norte e oeste que já eram vistas como suburbanas. “Essas representações vieram inclusive a, além de ajudar a cimentar a valorização da Zona Sul e o processo de autoss segregação das camadas de renda superiores aí, criaram enorme preconceito relativamente ao Subúrbios, seus moradores e quase tudo de que lá viesse”.¹⁶

Por parte da imprensa suburbana, isto é, aquelas cujas sedes estavam localizadas nos subúrbios do Rio de Janeiro, a abordagem era variada no que tange ao destaque às características negativas e positivas, bem como dos motivos e formas para isso. Quando, por exemplo, se fazia necessário obter junto ao Estado melhorias em espaços públicos, podemos identificar uma ênfase maior nos aspectos negativos que fazem parte das realidades suburbanas, ao mesmo que o fundo do discurso traz em si o desejo de transformações semelhantes às encontradas em outras localidades da cidade. A edição do jornal *O Suburbio*, de 27 de julho de 1907, é dos exemplos que encontramos para fazermos nossas análises.

A rua dr. Dino [Lino] Teixeira [bairro do Riachuelo], a principal do lugar, está deploravelmente conservada. Cheia de buracos e sem calçamento, metamorphoseada n’um lençol de lama e pra maior divertimento dos transeuntes, uma malta de cães bravios preambulam por ahi atacando e perseguindo os transeuntes.

É percorrida em toda a extensão por uma linha de bonds que só aparecem de 30 em 30 minutos, cujos animaes, devido ao seu estado de fraqueza, mal podem transportar os passageiros que chegam atrasados aos seus destinos. [...] Notamos que a hygiene desconhece a existência deste

¹⁵ CARDOSO. Representações e identidade na cidade na primeira metade do século XX: os subúrbios cariocas, p. 237.

¹⁶ CARDOSO. Representações e identidade na cidade na primeira metade do século XX, p. 245.

logar, distante 20 minutos da Estação, porque é considerável o número de pântanos e charcos, cujas estagnadas contribuem para a insalubridade.¹⁷

O veículo que realizou a publicação definia-se como um porta-voz das populações suburbanas “independente, noticioso, literário e consagrado aos interesses locais”,¹⁸ cujo um dos objetivos era proporcionar aos seus leitores “e ao público em geral todo o conforto, todo bem estar”.¹⁹ Para tanto, *O Suburbio* usa os espaços de suas páginas para solicitar “urgente providencias, chamamos a atenção das autoridades locais”²⁰ a fim de resolver problemas de falta de infraestrutura e de saneamento básico nas regiões suburbanas, tal qual acontecia no Centro da Cidade, como deixa explícito em publicação do dia 7 de setembro de 1907: “O centro da cidade já está civilizado. Pelo menos não é o botocudo que era há meia dúzia de anos apenas. É tempo de cuidar também dos pobres subúrbios, se não apodreceram já roídos pela gafeira, nos braços deprimentes do abandono, em que têm vegetado até agora”.²¹

A ênfase nos aspectos negativos suburbanos é, portanto, reforçada como um artifício da imprensa local para chamar a atenção à urgência que há na resolução dos seus problemas. Todavia, isso faz parte da construção de identidade dos subúrbios cariocas e se faz presente até os dias atuais. O mesmo vale para os aspectos positivos encontrados nos arrabaldes da cidade do Rio de Janeiro, como o crescimento econômico proporcionado pelo aumento da ocupação da região, em especial o comércio localizado próximo às linhas do trem, locais também de grande atração para a construção de moradias. O jornal *Progresso Suburbano*, que se definia como um órgão noticioso, recreativo e literário que foi criado para “pugnar pelos interesses da população dos subúrbios”²² é um bom exemplo para analisarmos esse caso. Sem deixar de lado a função na qual se colocava de dar “o grito de alarma todas as vezes que for necessário para despertar nossas autoridades e pô-las

¹⁷ *O Suburbio*, 27/07/1907, p. 1.

¹⁸ *O Suburbio*, 27/07/1907, p. 1.

¹⁹ *O Suburbio*, 27/07/1907, p. 1.

²⁰ *O Suburbio*, 27/07/1907, p. 1.

²¹ *O Suburbio*, 27/07/1907, p. 1.

²² *Progresso Suburbano*, 02/03/1902, p. 1.

alerta”,²³ ele fez uso de outros mecanismos que não a ênfase nas características pejorativas para falar sobre os subúrbios cariocas:

Procuraremos por meio de publicações tornar bem conhecido o nosso commercio suburbano, afim de lhe dar maior impulso e desenvolvimemto para que possa nivelar-se ao do centro comercial.

Não trataremos de política; procuraremos deleitar nossos leitores com boas poesias, contos amenos, sciencias, literatura e diversões.²⁴

O fato é que, ao analisarmos algumas de suas publicações na primeira década do século XX, podemos perceber que o foco de cobertura deste veículo são as regiões suburbanas por meio de anúncios comerciais e informações sobre eventos sociais, poesias e notícias a respeito das associações locais. Havia um espaço intitulado *A vida nos subúrbios* no qual, por sua vez, o *Progresso Suburbano* destacava sua visão sobre os subúrbios e a forma como pretende tratá-los:

Rápido e bem rápido tem sido há anos para cá o desenvolvimento dos subúrbios. A população da zona suburbana tem crescido de uma maneira extraordinária; o commercio tem-se espalhado e desenvolvido consideravelmente levando a vida e a nimação em todo logal onde tem penetrado.

Vê-se por toda a parte como que a vida querendo surgir forte e vigorosa; mas, ao mesmo tempo, vê-se tolhida por grandes empecilhos, verdadeiras barreiras invencíveis que não a deixam prosseguir, tudo isto devido á falta de melhoramento locais.²⁵

Para o Poder Público, em termos geográficos, as regiões suburbanas do Rio de Janeiro compreendiam o 4º distrito da Capital Federal, regiões que, segundo o Código de Posturas, poderia não ter canalização de esgoto.

Art. 17. Nos subúrbios, onde não existir canalização de esgoto, haverá sempre nos terrenos, distante pelo menos seis metros de qualquer casa habitada, dous semidouros ou fossas, sendo um para aguas servidas e outro para materiais fecaes, para onde serão canalizadas as mesmas aguas, e materiais dos prédios nos mesmos terrenos construídos. Estes semidouros serão sempre divididos em dois tanques pelo menos, sendo suas paredes cimentadas, e o fundo de terra permeável com a profundidade de quatro metros mínimo.²⁶

²³ *Progresso Suburbano*, 02/03/1902, p. 1.

²⁴ *Progresso Suburbano*, 02/03/1902, p. 1.

²⁵ *Progresso Suburbano*, 02/03/1902, p. 1.

²⁶ Código de Posturas: Leis, decretos, editaes e resoluções da intendência municipal do districto federal: compilação feita por ordem da prefeitura. Rio de Janeiro: Typ. Mont'alverne, 1894, p. 354.

A falta de saneamento permitida no ordenamento jurídico brasileiro para a sua Capital era sentida pelos habitantes dos subúrbios cariocas, como vimos acima na Rua Dr. Dino Teixeira, no bairro do Riachuelo. Ainda que o Código de Posturas exigisse padrões para contornar a situação, não era incomum encontrarmos pelas regiões suburbanas locais em que os padrões de higiene exigidos para outras localidades se faziam desconhecidos, ou seja, o cotidiano local indicava situações nas quais os projetos modernizadores do Brasil não saíram como o planejado; o desenvolvimento do futebol nos subúrbios é mais um exemplo disso.

O FUTEBOL COMO OBJETO DE DISPUTA E PROXIMIDADE

O futebol que chegou ao Rio de Janeiro o fez com traços que permitiram associá-lo a práticas do mesmo gênero que ocorriam na Europa, em especial nas regiões britânicas (Inglaterra e Escócia, mais especificamente). Oscar Cox, considerado o Pai-Fundador deste esporte no Rio de Janeiro, foi um dos fundadores do Fluminense Football Club, que em sua denominação já trazia elementos de aproximação com o mundo anglo-saxão e, em torno ideal, foram construídas diversas narrativas que corroboram este aspecto. Localizado na região centro-sul da Capital Federal, o clube da Rua Payssandu, nas Laranjeiras, foi visto por diversos jornais da época como um dos modelos a ser seguido no desenvolvimento do jogo futebolístico, uma vez que havia ressignificado um dos aspectos tidos como símbolos da modernidade europeia.

Oliven se apresenta como um dos defensores da ideia de que umas das riquezas da dinâmica cultural brasileira é a reelaboração e a ressignificação do que vem de fora em algo novo e diferente Peter Burke considera isto um fenômeno denominado por empréstimos culturais. Este olhar é necessário para analisar as tentativas de modernização na cidade do Rio de Janeiro ao longo dos séculos XIX e XX, relacionando o local ao global. No caso especificamente do Rio de Janeiro em um contexto que o moderno era ser semelhante ao estrangeiro euro-ocidental inglês e francês, ou seja, a modernização da então capital do país se daria inspirada nos moldes do que aconteceu naqueles países.

Nesse contexto, o futebol foi visto como um elemento de aproximação e a criação de clubes era parte deste processo, sendo muitas vezes a sua denominação

já um elemento de identificação de tal propósito. Assim, os termos “Football”, “Athletic” e “Club” se tornaram comuns de serem relacionados aos nomes próprios dados as agremiações esportivas do Rio de Janeiro no início do século XX.

Para o futebol suburbano, não contamos com narrativas que partem de um Pai-Fundador, tão pouco podemos encontrar uma origem consensual no que tange à sua prática, mas isso não nos impede de encontrarmos registros sobre as práticas futebolísticas desde o início do século XX, inclusive com semelhanças ao que ocorria na parte centro-sul da cidade ao buscar aproximações com o que ocorria fora do país já na escolha do nome das agremiações. No que tange à criação de clubes nos subúrbios voltados ao esporte bretão, temos o Football & Athletic Club, fundado em 1903²⁷ por moradores do Andaraí e foi um dos incentivadores da criação da Liga Metropolitana de Futebol. Mudando de nome para Associação Athletica Internacional, ele não era o único clube esportivo da região.

A criação de clubes voltados para a prática futebolística é um bom indicador da difusão desse esporte, os quais, quando tendo seu nascimento destacados pela imprensa, recebiam também elogios aos fundadores. A fundação do Athletic Mangureira Club, por exemplo, trazia a sua composição sendo feita “por grande número de rapazes fortes e conhecedores deste salutar sport”.²⁸ Não era incomum a divulgação em jornais da época sobre o nascimento de clubes esportivos. Neste fato divulgado pelo jornal *Gazeta de Notícias*, por exemplo, podemos ver uma dessas situações.

O surgimento do Athletic Mangureira Club deve-se ao grande número de adeptos do esporte bretão na região, os quais, caracterizados como detentores do saber deste jogo, se uniram para fundar uma agremiação que permitisse o exercício dessa prática. Além disso, a nota em si nos permite perceber que era comum a criação de clubes de futebol.²⁹ Importante destacar que na região da Mangureira, o Athletic não era a única associação do gênero, haja vista a existência na região do Sport Club Mangureira, fundado por operários da fábrica Chapéus Mangureira e que também se dedicava às atividades esportivas, dentre as quais se encaixa o futebol. Este, por sua vez, também incentivava a prática do críquete entre seus sócios com a

²⁷ ASSAF; MARTINS. *História dos Campeonatos Cariocas de Futebol – 1906/2010*, p. 19.

²⁸ *Gazeta de Notícias*, 13/04/1907, p. 3.

²⁹ *Gazeta de Notícias*, 22/05/1907, p. 4.

expectativa, na visão do *Gazeta de Notícias*, de gerar o interesse cada vez maior de outros adeptos.³⁰

A fundação do Riachuelo Football Club também não foi muito diferente ao trazer já em sua denominação um termo anglófilo. A modernização do Rio de Janeiro estava associada à absorção das práticas europeias, sendo o futebol uma delas. A criação de entidades para isso mostra não só uma organização para tal finalidade, como também permite identificar o ideal de aproximação com o exterior euro-ocidental por meio dos nomes escolhidos.

Importante destaque que no que tange ao esporte, sua inserção na sociedade moderna se dava muito ligada ao desenvolvimento físico, ao que era compartilhado por boa parte da imprensa brasileira na transição do século XIX para o XX. O *Jornal do Brasil*, pouco mais de dois anos após a Proclamação da República, salientava que “de uma tal educação é parte integrante e indispensável a educação física”,³¹ a qual, para o *Gazeta de Notícias*, deveria fazer com que “seus exercícios sejam diários, repetidos e logicamente progressivos”.³²

A participação nas atividades esportivas, de maneira geral, era uma forma de se modernizar dentro do cotidiano de diversos grupos sociais e, portanto, era importante tê-lo dentro da sociedade brasileira, como exortava o *Gazeta de Notícias*: “Ganha terreno em França a magna questão dos exercícios físicos da mocidade, especialidade que parecia até pouco privilegio da Inglaterra e da Alemanha. Quando os teremos n’este nosso caro Brazil?”.³³ A chegada dos esportes se fez regida por regras e outros elementos de distinção social, os quais eram vistos como essenciais para o enquadramento dentro do que se podia considerar moderno.

Nos subúrbios do Rio de Janeiro, estes ideais também se fizeram presentes ressignificados em torno de várias facetas, como o futebol. O Riachuelo se mostra como um dos agentes institucionais envolvidos neste processo que, inclusive, buscava se conectar com o que ocorria no centro-sul da Capital Federal. A equipe suburbana, que foi a primeira campeã da segunda divisão da Liga Metropolitana de 1906 (que deu origem ao Campeonato Carioca de Futebol de hoje em dia) também era um

³⁰ *Gazeta de Notícias*, 22/05/1907, p. 4

³¹ *Jornal do Brasil*, 30/11/1891, p. 7.

³² *Gazeta de Notícias*, 16/08/1898, p. 5.

³³ *Gazeta de Notícias*, 31/03/1891, p. 4.

dos incentivadores do futebol suburbano, sendo, inclusive, apontado como um dos iniciadores da Liga Suburbana que viria a ser criada em 1907. Buscando interagir com equipes de diversas regiões, o Riachuelo figurava como um dos principais desenvolvedores da prática e costumava fazer partidas amistosas contra times como o Botafogo Football Club, por exemplo, um clube ligado aos grupos aristocráticos da Zona Sul do Rio de Janeiro, como também era o Fluminense Football Club

Bateram-se em forte peleja os primeiros teams do Riachuelo e Botafogo. Ambos valentes, um é o vencedor do premio Gazeta de Notícias e outro o detentor da Caxambu Coup. Graças ao entrainment e a fortaleza que existem actualmente no primeiro team do Riachuelo, o Botafogo perdeu por cinco goals. Ninguém esperava semelhante resultado. Ao começar o jogo, no lado do Riachuelo notava-se grande receio e algum acanhamento. Conhecedores, no entanto, como são do campo, levaram grande vantagem sobre o adversário.³⁴

O rendimento apresentado dentro de campo pelo time do Riachuelo foi elogiado pelo *Gazeta de Notícias*, o que nos permite identificar no time suburbano um domínio das técnicas futebolísticas. Ao mesmo tempo, o Riachuelo é uma sociedade importante para refletirmos sobre o quadro social dos *sportsmen* que praticavam o futebol nos subúrbios do Rio de Janeiro nos primórdios. A instituição foi fundada por membros da família Joppert, os quais atuavam no alto comércio e possuíam ligações com o time do Botafogo, o que pode ser um fator que permitiu a realização do amistoso. Este quadro social, por si só, já nos mostra o quadro de grande complexidade que temos ao analisar as regiões suburbanas do Rio de Janeiro, mesmo sob o prisma do futebol, já que não é uma área exclusiva de participação de homens e mulheres de menor poder aquisitivo, mas como parte de espaços em que as ideias de modernidade foram ressignificadas sem excluir a proximidade entre local e global.

A LIGA SUBURBANA

Nos subúrbios os matchs de domingo. Adiantam-se bastante nos subúrbios o entusiasmo e animação pelos jogos athleticos. Já se fala numa liga suburbana e a rapaziada não pensa noutra cousa. Domingo ultimo foram disputados vários matchs.³⁵

³⁴ *Gazeta de Notícias*, 21/04/1907, p. 3.

³⁵ *Gazeta de Notícias*, 28/03/1907, p. 4.

Chamada de Liga Suburbana de Futebol, a primeira competição de grande porte que temos registros de ter acontecido nos subúrbios cariocas foi uma consequência do desenvolvimento deste esporte nas regiões suburbanas, como podemos verificar pelo surgimento de diversas entidades esportistas. Seu início aconteceu em 1907 e congregou para a sua edição inaugural “sociedades congêneres, não filiadas à Liga dos Sports Athleticos [novo nome da Liga Metropolitana de Futebol]”,³⁶ estas, importante destacar, não eram exceção no universo futebolístico do Rio de Janeiro, pois havia “cerca de doze a quinze clubs fora da Liga Metropolitana, alguns dos quais bem florescentes e reunindo bons elementos para a disputa de uma prova de honra”³⁷ e cujas algumas falaremos mais à frente.

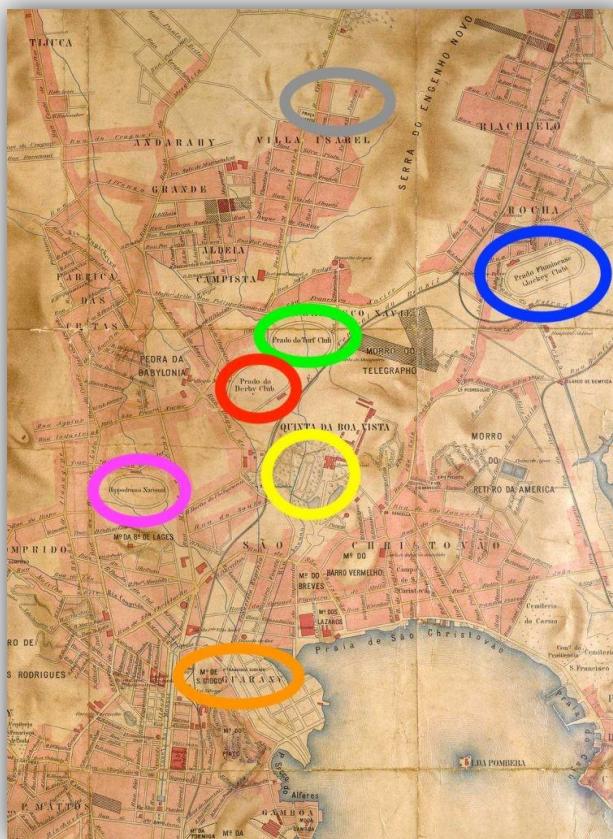
Dessa forma, o surgimento da Liga Suburbana não se configurou como um caso atípico ou extraordinário dentro do futebol carioca, mas sim um exemplo de seu desenvolvimento nos subúrbios Cariocas que buscavam reproduzir práticas conhecidas em outras localidades nacionais e internacionais. A Liga Suburbana de Futebol começou em 05 de maio de 1907 e contou com a participação dos seguintes clubes: Riachuelo Football Club, Sport Club Mangueira, Nacional Football Club, Pedregulho Football Club e Sampaio Football Club. O torneio foi disputado apenas na primeira divisão, mas contou com a sua separação entre os primeiros e os segundos times das equipes associadas, uma vez que na época não havia substituição e era possível separar os jogadores entre os que chamamos de “principais” e de “reservas”.

No primeiro quadro, o título ficou com o Riachuelo, que já havia, no ano anterior, conquistado a Segunda Divisão da Liga Metropolitana, mas no segundo quadro não foi decidido dentro de campo, pois o clube da família Joppert contestou a vitória do Mangueira sob a acusação de o clube ter utilizado jogadores que atuavam em outras competições cariocas. O acirramento da rivalidade entre os clubes suburbanos já é um sinal da inserção do futebol nas regiões dos subúrbios cariocas, ganhando força devido à construção de identidade que estas associações vão criando interna (em suas ruas e bairros) e externamente (perante outros bairros e cidades). A própria denominação das equipes já traz consigo estes signos ao muitas vezes reproduzirem os bairros em que estão inseridos.

³⁶ O *Paiz*, 21/03/1907, p. 4.

³⁷ O *Paiz*, 15/03/1907, p. 4.

O Riachuelo Football Club havia sido fundado no dia 19 de outubro de 1905 pela família Joppert. Logo em seu segundo ano de existência (1906) fez parte da Liga Metropolitana de Futebol (que hoje chamamos de Campeonato Carioca), mas jogando a 2ª divisão. Vencedor desta edição, se credenciou para disputar a partida de acesso contra o último colocado da seção principal, o Football and Athletic Club, mas foi derrotado por 5 a 2 e, pelo regulamento da época, deveria seguir na divisão de acesso pela temporada seguinte (1907). Sem o desejo de seguir nesta disputa, o clube foi um dos líderes da Liga Suburbana, isto é, uma nova competição na qual faria parte do grupo principal, como forma de demonstrar sua força no Rio de Janeiro, a qual estava associada ao bairro do qual fazia parte e cujo nome era o mesmo da agremiação.



Jockey Club (1. azul), Clube de Vila Isabel (2. cinza), Turf Club (3. verde), Derby Club (4. vermelho), Hipódromo Nacional (5. lilás), Prado Guarany (6. laranja), Quinta da Boa Vista (7. amarelo – apenas para referência). Fonte: Biblioteca Nacional.

O Sport Club Mangueira foi outra instituição importante para a nossa análise, pois, assim como o Riachuelo, trouxe consigo o nome do bairro ao pertencê-lo e se

identifica. Sua fundação ocorreu em 29 de julho de 1906, no antigo campo do Turf Club e já no segundo ano de sua existência fez parte da Liga Suburbana de Futebol.³⁸ O bairro da Mangueira, além de contar com o S.C. Mangueira, também contava com o Athletic Club Mangueira, o que nos indica ser uma área pujante em termos esportivos nos Subúrbios Cariocas. E assim o foi.

As corridas de cavalo, mais conhecidas como Turfe, se fizeram presentes por ali. O esporte foi praticado no Brasil desde o século XIX e apesar do destaque que teve o Jockey Club, localizado no bairro da Gávea, na Zona Sul, ao longo desse processo, a Zona Norte do Rio de Janeiro, isto é, regiões suburbanas também receberam locais para a prática deste esporte, como podemos identificar no mapa acima.

O campo do Turf Club, local de fundação do S.C. Mangueira, ficava próximo à estação de trem de São Francisco Xavier, perto de outros hipódromos e do bairro do Riachuelo, mostrando as interconexões existentes nos bairros suburbanos em torno das práticas esportivas que vão além do futebol. Todavia, já nesse primeiro momento, podemos compreender as razões para a existência de mais de um clube esportivo no bairro da Mangueira, haja a vista as diversas identidades ali presentes em torno do campo esportivo e que também se manifestaram nas rivalidades então construídas, como entre o Club Sport Mangueira e o Riachuelo Football Club a respeito do título de campeão dos 2º teams da Liga Suburbana de Futebol de 1907.

A discussão ganhou espaço em alguns jornais do Rio de Janeiro, como o *Correio da Manhã*, e apesar de o reclamante (Riachuelo) propor um jogo desempate para resolver o embate, o Mangueira, em carta publicada, não só negou a acusação “injusta clamorosa que lhe é feita, e muito menos a imposição de um desempate, pois é impossível haver desempate, onde não há empate”.³⁹ Sem solução, o S.C. Mangueira ameaçou deixar a Liga Suburbana, algo que assustou seus organizadores, ao ponto de lhe oferecerem o título dos segundos quadros, mas que não fez o clube mudar de ideia.

Em 1908, a Liga Suburbana de Futebol deu sequência aos seus jogos sem a participação dos dois vencedores do ano anterior, pois, além do Mangueira, o Riachuelo também a deixou. Os motivos para esta decisão, entretanto, estavam longe

³⁸ *A Imprensa*, 30/07/1909, p. 5.

³⁹ *Correio da Manhã*, 06/10/1907, p. 8.

de ser um possível desinteresse de seus associados pelo futebol ou mesmo para as práticas esportivas. A realidade do clube dos irmãos Joppert, por exemplo, era bem distinta disso:

Vão muito adiantados os trabalhos da construção do ground deste club. O campo, que fica esplendidamente localizado em ângulo da rua Vinte Seis de Maio e Conselheiro Castro, na estação Riachuelo, tem grande largura, maior comprimento [...].

Agora mesmo, no intuito de treinar os associados, visto como desligou-se da Liga Suburbana, este clube acaba de instituir o Campeonato Jupyra que será disputado anualmente somente pelos teams compostos de seus associados.

Bravo ao Riachuelo!⁴⁰

O exemplo do Riachuelo não é um caso isolado nas regiões suburbanas do Rio de Janeiro. A construção de um campo próprio era uma necessidade esportiva, econômica e social para os clubes esportivos e seus associados. No que tange ao aspecto esportivo, por assim dizer, há o fato de possuir um campo para mandar seus jogos e praticar seus treinos, sendo este um fator importante a fim de dar aos jogadores conhecimentos a mais sobre a relva em que vão atuar. A respeito do fator econômico, ainda que não se configurasse uma prática explícita no período do amadorismo no futebol carioca, havia a cobrança de valores para ceder o lugar a outros clubes e, principalmente, de forma explícita, os valores arrecadados com a venda de bilhetes eram uma das mais importantes formas de financiamento das entidades esportivas neste período. E por fim, mas não menos importante, temos o aspecto social que, segundo Gilmar Mascarenhas, permitiu a construção de espaços esportivos para atender aos interesses das elites locais:

Nesse sentido, nossos primeiros estádios eram destinados exclusivamente às elites. Sua geografia é inequívoca: localizados nos bairros mais nobres, e como equipamentos de pequeno porte (geralmente uma única estrutura edificada que sequer cobria toda a extensão de um dos quatro lados), apresentavam uma arquitetura mais assemelhada a um confortável teatro, porém, a céu aberto.⁴¹

Mesmo localizado próximo à estação de trem do Riachuelo, local, como mostramos anteriormente, que tinha ao seu redor regiões com problemas causados

⁴⁰ *O Paiz*, 24/05/1908, p. 8.

⁴¹ MASCARENHAS. *Entradas e bandeiras: a conquista do Brasil pelo futebol*, p. 107.

pela falta de saneamento básico, não podemos deixar de enfatizar que a localidade era uma das mais disputadas entre as regiões suburbanas devido à proximidade com o transporte sobre trilhos. Segundo Fernandes, um dos traços que permitiu a caracterização dos subúrbios cariocas foi a sua relação com bairros ferroviários,⁴² ainda que, como aponta Maurício de Abreu, este processo de expansão dos meios de transporte separou a cidade⁴³ – a *urb* da *suburb*, sendo aquela caracterizada por ter bondes elétricos e esta pelos trens.



Fonte: Site da Biblioteca Nacional.

Não obstante a estes apontamentos, a ocupação suburbana na virada do século XIX para o XX foi bastante diversa, de modo que a proximidade entre casas mais luxuosas, habitações simples, comércio, linha do trem e campo de futebol era evidente, como podemos perceber pelo exemplo do Riachuelo. Fundado na Rua Diamantina, casa de Carlos Joppert, o clube fez seu campo perto da estação de trem do bairro, entre as ruas Conselheiro Castro e Vinte e Seis de Maio, perto do logradouro Lino Teixeira, outrora criticada pela falta de higiene, como podemos ver no mapa acima.

Ao estudar de forma aprofundada o bairro do Engenho de Dentro, subúrbio do Rio de Janeiro, Serfaty destaca a relação de seus moradores com a região, na qual uns possuíam nas localidades moradia e sustento, enquanto outros poderiam apenas morar e existiam aqueles que apenas lucravam com o lugar:

⁴² FERNANDES. 2017.

⁴³ ABREU. O Rio de Janeiro no século XIX: da cidade colonial à cidade capitalista. In ABREU *Evolução urbana da cidade do Rio de Janeiro*, 2013.

Acompanhando o crescimento de construções no Engenho de Dentro entre os anos de 1876 e 1904, podemos assim afirmar que os proprietários que investiam seus capitais na compra de terrenos e imóveis o faziam com objetivos diversos – que iam desde a proposta de edificar a própria moradia até a intenção de reverter o investimento numa renda mensal através de diversas modalidades de aluguel de imóveis, sejam casas, quartos, lojas ou avenidas.⁴⁴

No caso do Riachuelo, em especial, a família Joppert, cujos membros frequentavam eventos sociais junto à elite carioca, participavam de forma ativa da política carioca e retiravam suas rendas de atividades comerciais, isso também se aplicava. A *Revista da Semana*, periódico de variedades e que se destacou por ser a pioneira no Brasil ao utilizar novos processos fotoquímicos,⁴⁵ dedicou parte de uma de suas edições para falar sobre o bairro do Riachuelo, em 1909, apresentando-o como um bairro “que se recomenda pelo seu adiantamento, o que lhe dá foros de aristocrático”.⁴⁶ Aproximadamente 10 mil pessoas viviam por ali e conviviam com alguns problemas, como a falta de calçamento em ruas mais recém-criadas, falta de saneamento em algumas áreas e falta de policiamento dada à amplitude local.

Dentro desse cenário, a Rua Diamantina, por exemplo, na qual foi fundado o Riachuelo F.C., é apontada como um logradouro dos mais salubres do bairro, mas desprovida de calçamento. O futebol também não passa incólume ao texto de a *Revista da Semana*, sendo destacado o seguinte:

Tem um centro sportivo, onde o “foot-ball” é entusiasticamente cultivado e em cujo “ground” se reúnem na estação respectiva as principaes famílias da localidade, que vão levar os seus aplausos á mocidade que se exercita e que lhe proporciona horas de inteira satisfação nos arriscados lances do vulgarizado e estimado “sport”.⁴⁷

Neste sentido, o campo do Riachuelo foi um dos locais que permitiu a difusão do futebol nos subúrbios do Rio de Janeiro, sem que isso, necessariamente, significasse a melhora de toda a região, haja vista a existência e permanência de muitos problemas que extrapolam o âmbito esportivo. Isso, no entanto, não impediu a prática futebolística, ao mesmo tempo em que não a fez ser disseminada igualmente por to-

⁴⁴ SERFATY. *Pelo trem dos subúrbios: disputas e solidariedades na ocupação do Engenho de Dentro (1870-1906)*.

⁴⁵ Site: Biblioteca Nacional.

⁴⁶ *Revista da Semana*, 21/03/1909, p. 5.

⁴⁷ *Revista da Semana*, 21/03/1909, p. 6.

dos os agentes sociais envolvidos. Difusão do futebol não significa sua democratização e, muitas vezes, ela vinha acompanhada pela diferenciação através de discursos, gestos e outros elementos utilizados para referendar a diferença de status social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O campo do Riachuelo é um dentre muitos elementos existentes nas Histórias dos Esportes no Rio de Janeiro que merecem ser submetidos a pesquisas acadêmicas. Neste artigo, buscamos trazer alguns elementos que permitem discutir a existência daquele espaço conectado a aspectos que não se restringem ao âmbito regional. Buscamos trazer, por exemplo, aspectos globais que envolviam a difusão do futebol a partir de um modelo inglês para diversas regiões espalhadas pelo mundo, em que a organização de clubes e competições, bem como a construção de estádios foi uma característica indissociável.

Ao estudarmos ações suburbanas do Rio de Janeiro no início do século XX que se relacionam a aspectos outrora vistos como exclusivos dos agentes sociais mais abastados economicamente e residentes no que hoje é considerado Zona Sul da antiga Capital Federal, podemos dar vozes a sujeitos esquecidos e, principalmente, mostrar quão complexa é o processo histórico no Brasil. Não há dicotomias entre as pessoas envolvidas ao longo da História que seja capaz de explicar tudo, haja vista o elevadíssimo grau de complexidade que envolve a realidade social de hoje e do passado.

Deste modo, optamos por fazer do Riachuelo, um clube suburbano fundado por uma família tradicional e influente socioeconomicamente, um instrumento para refletirmos acerca destas complexidades, as quais também permitem relacionais aspectos regionais e a itens globais. Não obstante, aproveitamos para enfatizar que parte da história do primeiro time campeão da Liga Suburbana, em 1907, não se constitui como única possibilidade de pesquisa, uma vez que existem diversos outros clubes a espera de pesquisadores/as ávidos/as por novos trabalhos.

Dessa forma, esperamos ajudar a estimular outros trabalhos que tenham os esportes suburbanos como elemento central de análise, principalmente buscando enfatizar as complexas dinâmicas presentes no passado durante a estruturação daquelas regiões. Os subúrbios foram, por séculos, negligenciados por uma historiografia pro-

positalmente centrada em agentes históricos que, na maioria das vezes, pouca identificação possuía com a maior parte das pessoas que vivem no mesmo país. Pesquisar sobre localidades, agentes e instituições que foram ignoradas por esta abordagem tida como clássica, é uma forma de romper barreiras históricas de segregação.

* * *

REFERÊNCIAS

ABREU, Maurício de A. O Rio de Janeiro no século XIX: da cidade colonial à cidade capitalista. In: _____. **Evolução urbana da cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: IPP, 2013.

Acervo Digital da Biblioteca Nacional.

ASSAF, Roberto; MARTINS, Clovis. **História dos Campeonatos Cariocas de Futebol – 1906/2010**. Rio de Janeiro: Maquinária, 2010.

Benchimol, J. L. **Pereira Passos**: um Haussmann tropical. A renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1992.

CARDOSO, Elizabet Dezouart. Representações e identidade na cidade na primeira metade do século XX: os subúrbios cariocas. **URBANA**, v. 6, n. 9, 2014 [Dossiê: Dimensões Simbólicas das Intervenções Urbanas], CIEC/UNICAMP.

Código de Posturas: Leis, decretos, editaes e resoluções da intendência municipal do districto federal: compilação feita por ordem da prefeitura. Rio de Janeiro: Typ. Mont'alverne, 1894.

COELHO, Frederico Oliveira. Futebol e produção cultural no Brasil: a construção de um espaço popular. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SANTOS, Ricardo Pinto dos. (Org). **Memória social dos esportes**: futebol e política: a construção de uma identidade nacional. Rio de Janeiro: Mauad Editora: FAPERJ, 2006.

FABRETTI, Giancarlo Livman. **A metropolização vista do subúrbio**: metamorfoses do trabalho e da propriedade privada na trajetória de São Caetano do Sul. Tese (Doutorado). São Paulo: USP, 2013.

FERNANDES, Felipe Moura. **Tristes fins de Policarpo Quaresma**: Brasil entre ficções geográficas no sertão/litoral. Tese (Doutorado). São Paulo, USP, 2012.

MASCARENHAS, Gilmar. **Entradas e bandeiras: a conquista do Brasil pelo futebol**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

MELO, Victor Andrade de. **Cidade sportiva**: primórdios do esporte no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Faperj, 2001.

MUMFORD, Lewis. **A cidade na história**: suas origens, transformações e perspectivas. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

NACIFF, Yordana Dias das Neves; KNEIB, Erika Cristine. Os subúrbios e periferias nas metrópoles: um estudo sistêmico aplicado à Região Metropolitana de Goiânia. **Anais XVIII ENANPUR**, 2019.

OLIVEN, Ruben George. **Cultura e Modernidade no Brasil**. São Paulo em Perspectiva, 2001.

SANTOS, Leonardo Soares dos. De arrabaldes a subúrbios: a geografia social do Rio de Janeiro a partir dos seus cronistas. **Locus**: revista de história, Juiz de Fora, v. 20, n. 2, 2015.

SERFATY, Elaina Reoli Cirilo. **Pelo trem dos subúrbios**: disputas e solidariedades na ocupação do Engenho de Dentro (1870-1906). Dissertação (mestrado), PUC-Rio, Departamento de História, 2017.

SILVA, Maíra Carvalho Carneiro. Por que fazer uma Reforma Urbana: Juiz de Fora um caso peculiar. **Anais do I Colóquio do Lahes** (Laboratório de História Econômica e Social): Juiz de Fora, 2005.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro. Editora Civilização Brasileira, 1966.

SOTO, William Héctor Gómez. Subúrbio, periferia e vida cotidiana. **Estudos, Sociedade e Agricultura (Rio de Janeiro)**. v. 16, n. 1, p. 109-131, 2008.

SOUZA, Glauco José Costa. “O football nós podemos jogar”: uma análise sobre o desenvolvimento do futebol fora dos clubes da elite do Rio de Janeiro. **Revista Record**, 2015.

WOODWARD, Kathryn. “Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual”. In SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org). **Identidade e diferença**. Petrópolis: Vozes, 2014.

* * *

Recebido em: 15 fev. 2023.
Aprovado em: 08 set. 2023.